

A Bíblia na Hipermídia: Novas formas de acesso aos textos bíblicos¹

Adriana Ferreira da Silva²

RESUMO

Este artigo investiga a presença da Bíblia nas mídias digitais, analisando suas características em termos de linguagem hipermidiática em aplicativos utilizados em dispositivos móveis, tais como, *Tablet* e *Smartfone* e dos modos pelos quais essas novas mídias podem ampliar a difusão e a compreensão das Escrituras de forma atualizada e renovada. A primeira parte apresenta a Bíblia em seu percurso histórico, partindo da primeira reunião dos escritos sagrados até o livro digital, cuja base teórica está fundamentada nos seguintes autores: Alberto Manguel, D. Paulo E. Arns, Roger Chartier, Febvre e Martin, Bellei, Darnton entre outros. Contempla brevemente as artes plásticas e os suportes utilizados para exibir de forma pictórica os textos bíblicos, baseado no pensamento de Régis Debray. Diante dos avanços da *Internet* e de suas possibilidades na difusão do Evangelho foram analisados aplicativos, tendo em vista o uso dos recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), fundamentados na teoria de Lucia Leão e apoiados em outros autores como Santaella e Júlio C. Freitas. A partir de um quadro comparativo, chegou-se a conclusão que a maioria dos aplicativos oferece o texto bíblico sem explorar plenamente os recursos da hipermídia. Mas em contra partida, cumprem sua função de disponibilizar e fazer chegar à mão em um novo suporte incorporado ao cotidiano das pessoas a Bíblia toda ou parte dela. Os aplicativos com maior uso dos recursos da hipermídia oferecem uma experiência mais ampla e aprofundada e diversas possibilidades exploratórias.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia; hipermídia; aplicativos; religião; dispositivos móveis.

Introdução

Com o início da tradição escrita, iniciou-se também a busca de uma forma cada vez mais acessível para consultar, carregar, transportar e manusear textos. Com os escritos religiosos não foi diferente, por isso, diversas formas de acesso aos textos bíblicos foram criados ao longo dos séculos, de acordo com cada tempo e momento da história.

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista – SP, e-mail: adriana@cancaonova.com

Nos primeiros séculos da era cristã os livros eram escritos em rolos de pergaminho, por conta da perseguição aos cristãos, o formato rolo foi substituído por folhas de papel dobradas, denominadas códice. Este formato permitia o transporte de pequenos volumes com maior quantidade de textos, sem serem percebidos, por debaixo das vestes dos cristãos.

Com o passar dos séculos foram pensadas outras formas, outros suportes para trazer ao povo iletrado a mensagem evangélica. Foi então utilizado o suporte pictórico, quer nas iluminuras dos livros, quer nas paredes das Igrejas medievais, ou nos vitrais das igrejas góticas, depois em imensos quadros ou mesmo nos tetos e paredes das igrejas durante muitos séculos.

Com a invenção da prensa por tipos móveis e a publicação dos textos bíblicos em língua vernácula a difusão da Bíblia como um todo ou em partes se tornou vultosa. E por mais de cinco séculos a Bíblia permaneceu difundida e conhecida no formato códice, tomando dimensões cada vez menores e de manuseio facilitado.

Com as tecnologias móveis e a convergência digital, a Bíblia foi transposta de diversas maneiras para o formato digital e a cada dia ela vem se reconfigurando e assim permanecendo acessível das mais variadas formas e meios. A Bíblia que antes ficava em casa agora voltou para a bolsa, para o bolso de muitos cristãos em forma de aplicativos em seus *tablets* e *smartphones*. Esses formatos permitem ainda novas formas de interação com os textos sagrados uma vez que utilizam os recursos da hipermídia.

1. Formas de propagação dos textos bíblicos.

Os judeus realizaram a primeira reunião de escritos sagrados³ que foi encerrada no século I d.C., “Alguns historiadores modernos acreditam que a escrita dos textos sagrados tenha começado com chapas de argila que faziam às vezes das folhas de

³ “A data de composição e de redação final dos profetas, bem como da maioria dos escritos do Antigo Testamento, é difícil de se precisar. Muitos têm uma longa e complexa pré-história de tradições e redações”. ARENS, Eduardo. A. Bíblia sem mitos: uma introdução crítica. Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007, p. 43.

papel.” (CECHINATO, 1999, p. 12). A segunda reunião de tais textos foi realizada pelos cristãos até meados do século IV (ARENHOEVEL, 1978, p. 10. 16). O formato dos escritos na antiguidade era em rolos manuscritos, portanto não é possível saber quantos eram os rolos de livros que compunham a Bíblia e todos os livros que formam o Antigo Testamento poderiam formar uma biblioteca inteira. Mas ao serem encadernados em um único volume, o códice, certamente foi um grande avanço em busca de formas mais práticas para transportar e consultar os textos bíblicos.

Os pagãos inventaram o formato códice que foi largamente usado pelos cristãos. Os primeiros cristãos “adotaram o códice porque descobriram que era muito prático para carregar, escondidos em suas vestes, textos que estavam proibidos pelas autoridades romanas.” (MANGUEL, 1997, p. 64). No século IV, o vocabulário usado por São Jerônimo, faz referência à Escritura como sinônimo de *códex* (ARNS, 2007, p. 27). Dom Paulo Evaristo Arns afirma que: “Os *codices* terão êxito, sobretudo porque oferecem vantagens consideráveis, em primeiro lugar para o manuseio prático da Bíblia e dos Livros Litúrgicos.” (ARNS, 2007, p. 105). Um dado importante relatado por Arns (2007, p. 147) é que o público culto, nos meios cristãos, não media sacrifícios para obter os livros, portanto a cópia se tornou o primeiro meio de difusão do livro e conseqüentemente da Bíblia (ARNS, 2007, p. 148-149.169).

No século XIII surgiu em Paris um texto da Universidade de Sorbonne, parcialmente inspirado na obra de São Jerônimo. Foi então que a tradução feita pelo Santo recebeu o nome de “Vulgata” que significa edição “difundida”, “popularizada”. Este é o texto impresso como primeiro livro na prensa de tipos móveis criada por Gutenberg. (CARREZ, 1995, p. 103). As primeiras Bíblias impressas não vinham prontas e encadernadas, eram vendidas em folhas reunidas e depois encadernadas pelos compradores em grandes e imponentes tomos⁴ que mediam cerca de trinta por quarenta centímetros e eram destinadas a ficarem expostas num atril (MANGUEL, 1997, p. 158-160). “A invenção de Gutenberg se propagou de forma avassaladora, deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores.” (DARNTON, 2010, p. 40).

⁴ Tomos: Divisão de uma obra que corresponde, quase sempre, a um volume completo. (DICIONÁRIO, 2014).

A Reforma Protestante também foi impulsionadora na propagação da Bíblia, fazendo-a chegar de forma mais generalizada às mãos do povo considerado iletrado. Febvre e Martin afirmam que na Alemanha as tiragens da Bíblia foram crescendo até superarem a marca de um milhão somente na primeira metade do século XVI. E esta foi a primeira vez em que se pode dizer que houve uma literatura de massa, acessível a todos. “Colocar os textos sagrados ao alcance de cada um, e na própria língua, fora um dos serviços que Lutero solicitara da imprensa.” (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 377-378). Na França o mesmo aconteceu quase na mesma época, o bispo reformador Lefèvre d’Étaples fez a tradução dos textos bíblicos e os mandou imprimir em formato pequeno (in-oitavo⁵ ou in-dezesseis). Os textos das Escrituras foram, desta forma, colocados ao alcance de todos na França (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 380).

Ao longo dos séculos os livros foram aos poucos se tornando ricamente decorados, iluminados. Na Idade Média, época em que a vida de muitos europeus estava mais voltada aos ofícios religiosos, os volumes geralmente eram “em formato pequeno, em muitos casos iluminado com requinte e opulência por mestres da arte, continham uma coleção de serviços curtos denominados ‘ofício menor da abençoada Virgem Maria’ recitados em vários momentos do dia e da noite.” (MANGUEL, 1997, p. 152-154). Alberto Manguel conta que esses volumes pequenos eram instrumentos portáteis da devoção, podendo ser usado pelo crente tanto em serviços públicos da igreja como em orações privadas. Seu tamanho tornava-os adequados também às crianças (MANGUEL, 1997, p. 153-154).

A partir do século V, a Igreja Católica começou a produzir seus livros de culto em tamanhos imensos e também os decorava com as figuras presentes nas narrativas Bíblicas (MANGUEL, 1997, p. 155). Apresenta-se neste momento um paradoxo, “o livro que proíbe imagens tornou-se um tesouro de imagens, o grande celeiro para o olho ocidental”, afirma Régis Debray (2004, p. 4). Para os primeiros crentes da antiguidade Deus era algo do qual não podiam fazer imagens e então, o ponto de partida de suas reflexões foi a rejeição de simulacros. Mas na era moderna os textos sagrados, em

⁵ In-octavo: formato de livro em que a folha está dobrada em oito e há, portanto, 16 páginas. Cf. IDICIONARIO, 2014.

muitas crenças, deram origem ao maior corpo de arte visual do Ocidente. (DEBRAY 2004, p. 5).

A propagação mais generalizada das imagens religiosas, baseada nas Escrituras, aconteceu na Itália no período do Renascimento. A base para tal proliferação veio amparada nas decisões tomadas nos Concílios Ecumênicos da Calcedônia (ano 451) e de Nicéia (em 325 e 787). Mas foi durante a Reforma e a Contrarreforma que as imagens floresceram. Impulsionada pela imprensa, a Reforma retornou com as Escrituras, se opondo ao monopólio da Igreja Católica Romana na interpretação dos textos sagrados. Esses fatores levaram a uma proliferação de xilogravuras, gravuras de histórias do Antigo Testamento, “estampas que alcançaram um efeito cumulativo de traduzir as imagens verbais do Antigo Testamento em imagens pictóricas”. Os luteranos, embora dedicados a Palavra, foram mais abertos à imagem visual do que os calvinistas (DEBRAY, 2004, p. 10-11).

Nos últimos dois mil anos, a Bíblia é considerada a maior criação literária que a humanidade já conheceu. Os ensinamentos do judaísmo e do cristianismo são baseados na Bíblia. Somadas as versões, torna-se o livro mais popular traduzido e impresso na história, afirma o *Bible Lands Museum Jerusalem*, em Israel, na exposição, *The Books of Book* (THE BOOK, 2014). Não há concordância sobre o número exato de Bíblias comercializadas no mercado de livros nestes mais de 20 séculos. Nas listas mais diferentes, a Bíblia aparece como o mais vendido de todos os tempos, sua tiragem supera seis bilhões de cópias, o segundo colocado estima-se que esteja em torno de novecentas mil cópias. O dado mais recente encontrado sobre esta questão foi publicado pela Biblioteca do Estado de São Paulo e faz referência aos últimos 50 anos, nos quais teriam sido comercializadas, aproximadamente três milhões e novecentas mil cópias da Bíblia (10 LIVROS, 2014).

Acredita-se que com os meios digitais, esteja acontecendo à terceira revolução do livro. É preciso assegurar que ao longo da história da humanidade e da comunicação, “uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo”, afirma Darnton (2010, p. 14). Bellei (2002, p. 40) argumenta, a partir do pensamento de Michael Rosenthal, que o

livro é um objeto que passa por constantes processos de mutação e adaptação ao longo da história, ressalta que algumas destas são mais significativas do que as que estão ocorrendo no início do século XXI, em função das novas tecnologias. Já para Roger Chartier (1999, p. 97-98) a revolução que acontece agora é mais importante do que a de Gutenberg. Pois, para ele, esta revolução “não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores”. Chartier afirma que o livro impresso traz até hoje as heranças do manuscrito, no tocante a divisão em cadernos, formatos, sumário e outras características organizacionais. O autor reforça que: “com a tela, substituta do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificaram.” (CHARTIER, 1999, p. 98).

A digitalização vem proporcionar inovação no contexto do livro, que perduravam desde a invenção da imprensa, oferecendo uma vantagem, a qual Maurice Aymard chamou de decisiva, ele se refere a tal avanço da seguinte maneira:

Possibilidade de associar, no mesmo suporte, não só o texto e a imagem, mas também o som, além de conferir a essa associação um caráter dinâmico, móbil (e não mais estático) e interativo (em seus modos de consulta, o “leitor” dispõe de uma liberdade e de uma margem de iniciativa infinitamente maiores do que os recursos anteriores). (AYMARD, 2003, p. 174).

Para Maurice Aymard, o meio digital “liberta” o impresso da maioria das restrições do formato códice, mesmo com os avanços tecnológicos ocorridos no século XIX, permaneceram dentro da mesma lógica por cinco séculos (AYMARD, 2003, p. 174).

A relação leitor e suporte para a leitura, na era digital, ainda está em processo de construção, o sentido da universalidade encontrado nos meios digitais associado à hipertextualidade, multimídia e a interatividade recriam as relações entre as partes. Aymard, afirma que a paginação, a indexação de informações e as diversas formas de busca, sejam por frases ou palavras existem para nos trazer certa familiaridade com o modelo códice (AYMARD, 2003, p. 178). Buscar semelhanças com o modelo anterior foi uma das técnicas utilizadas por Gutenberg quando foram

impressos os primeiros livros, as letras usadas imitavam a dos manuscritos e a manutenção do formato códice. Portanto, tais similaridades nos ajudam, de certa forma, a interagir com as novas possibilidades presentes no livro digital, que utiliza dos recursos do hipertexto disponíveis na hipermídia. Darnton (2010, p. 59) acredita que “algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há dois mil anos”. Para Bauman, é preciso tornar os livros mais adaptados à sociedade em que vivemos e ainda permanecer vigilantes para evitar que a sociedade fique inadaptada aos livros (BAUMAN, 2003, p. 33).

2. A linguagem da hipermídia

Neste estudo hipermídia refere-se a uma tecnologia que reúne recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), que dá ao usuário a liberdade de explorar conteúdos por caminhos que ele mesmo quiser utilizando os recursos multimidiáticos que lhe convier. Adotamos a definição de hipermídia proposta por Lucia Leão (1999), que define o termo hipermídia como “um tipo de escritura complexa, na qual diferentes blocos de informações estão interconectados” (LEÃO 1999, p. 9). Na hipermídia é possível que um aplicativo ou *site* trabalhe com um grande número de informações vinculadas, denominada rede multidimensional de dados. A partir dessa rede, ressalta a autora é que está constituído o sistema hipermidiático, capaz de proporcionar experiências mais amplas de leitura e conhecimento, no caso específico dos textos bíblicos um percurso além da palavra escrita.

A Hipermídia é a evolução do Hipertexto, “documento digital composto por diferentes blocos de informação interconectados. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os *links*. Os *links* permitem que o usuário avance em sua leitura na ordem que desejar.” (LEÃO, 1999, p. 15). Esses são elementos que definem o potencial interativo e a usabilidade do *software* ou aplicativo; Tomaremos também a definição de multimídia “em seu sentido mais comum, ou seja, a incorporação de informações diversas como som, textos, imagens, vídeo, etc.” (LEÃO 1999, p. 16).

Em uma análise simples, é possível perceber o quanto ficou mais fácil, ao alcance das mãos, obter informações que antes eram disponibilizadas nos tradicionais suportes de comunicação que não estavam integrados. Para Santaella “a hipermídia é uma extensão do hipertexto, pois não se limita à informação escrita, mas permite acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos [...], mas também todas as espécies de elementos audiovisuais.” (SANTAELLA, 2001, p. 24).

Para um estudo da Bíblia a possibilidade de acessar de forma associativa as informações, pode suscitar descobertas através das redes temáticas que existem entre os textos. É importante recordar que os textos bíblicos fazem referências a textos da própria Bíblia. Por exemplo, o cântico do *Magnificat* proclamado por Maria (Lucas 1, 46-55): trata-se de um cântico inspirado no cântico de Ana (I Samuel 12, 2-10) entrelaçado com citações do Antigo Testamento, sendo as principais o Salmo 110, 9; Salmo 88, 11; Salmo 106, 9; Isaías 41, 8s; Salmo 97, 3. Há 275 citações literais do Velho Testamento no Novo, mais de 235 referências específicas”, afirma Manguel (1997, p. 119). Estes diversos pontos de entrelaçamento dos Testamentos, nos revela um processo de hipertexto a moda antiga. A partir dos múltiplos recursos oferecidos na hipermídia, pode se fazer estudos associados a imagens, a história deste tempo remoto, às interpretações artísticas estampadas em livros, paredes e vitrais das igrejas, também em filmes, obras de arte, reviver a experiência dos salmos cantados, entre outros. Estas são algumas das formas que a hipermídia pode ampliar e favorecer a interpretação e releitura dos textos bíblicos.

Lucia Santaella (2001, p. 390) ressalta que a hipermídia como linguagem é uma das faces mais importantes da cultura do ciberespaço. Graças, também, a sua capacidade de armazenamento de informações e através das interações dos usuários o conteúdo pode transmutar-se em inúmeras versões à medida que este usuário receptor se torna coautor (SANTAELLA, 2001, p. 393), partilhando opiniões, conhecimentos ou experiências.

A interatividade foi outro ponto analisado nas interfaces dos aplicativos. Este é um elemento indispensável do processo hipertextual. Lucia Leão evidencia que por se tratar de um sistema interativo é preciso programar portas de acesso a outros percursos, quer

seja para o documento ou para a rede, deixando caminhos potenciais a serem percorridos (LEÃO, 1999, p. 90-91). Os aplicativos e *softwares* costumam oferecer um sistema de ícones, que funcionam como elementos de conexão e que facilitam esta navegação indicando os caminhos possíveis, estes ícones são um auxílio importante aos usuários (LEÃO, 1999, p. 28).

A interação com o meio hipermediático depende da interface que é a ponte entre o usuário e o sistema de hipermídia, para Julio César Freitas o principal desafio da interface é oferecer a possibilidade de uso, com linguagens decodificáveis a um ou mais usuários (FREITAS, 2005, p. 189). Portanto, um bom planejamento de interface depende de uma organização de raciocínio que permita o uso fluente e espontâneo. A partir de uma interface que proporcione um fácil e ágil manuseio o usuário tende a permanecer com o aplicativo, uma vez que nos *smartphones* eles ocupam boa parte do espaço disponível e quando não atendem a expectativa, são desinstalados rapidamente.

Por meio dos dispositivos móveis, o acesso aos conteúdos da Bíblia está sendo retomado, reorganizado e pode estar ao alcance das pessoas (fiéis, curiosos, pesquisadores, entre outros) assim como estão os *games* e as notícias. O uso constante de tais dispositivos já incorporados ao cotidiano torna o acesso muito mais rápido e constante. Ao analisar os aplicativos que disponibilizam a Bíblia ou parte dela, buscou-se verificar a interface, a usabilidade e a interatividade, de forma a perceber a relação e as convenções utilizadas neste meio que disponibiliza o texto bíblico por inteiro ou de forma parcial. Foram investigados quais projetos de fato exploravam os potenciais da linguagem hipermediática, isto é, que reuniam os recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos). A análise dos aplicativos foi realizada entre agosto de 2013 e abril de 2014. Foram encontrados vários aplicativos relacionados ao tema central desta pesquisa, os selecionados são aqueles que oferecem conteúdo total ou parcial de forma gratuita, apresentaram identificação de autoria e o mínimo de credibilidade, ofertados em língua portuguesa.

Os aplicativos estudados foram: *A Bíblia Sagrada* <www.bustolin.com>; *Bíblia Sagrada Free* <www.distimo.com/iq/app/apple-app-store/petrucci-tecnologia-e-servicos>

-de-informatica-ltda/biblia-sagrada-free>; *Bíblia Sagrada* <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-sagrada/id370178518?mt=8>>; *Bíblia +1* <<https://itunes.apple.com/pt/app/biblia-+1/id376874469>>; *Bíblia Infantil* <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-infantil/id699488099?mt=8>>; *Católico Orante* <www.catolicoorante.com.br>; *I Liturgia* <www.cascubo.com>; *Cristonautas* <<https://itunes.apple.com/us/app/cristonautas-1/id70159115?l=es&ls=1&mt=8>>; *Quiz Bíblia 3D* <weblinx.com>; *Sementes do Espírito* <<https://itunes.apple.com/br/app/sementes-do-espírito/id532447867?mt=8>>; *Bíblia Glow* <<http://www.bibliaglow.com.br/recursos/>>.

3. Resultado da análise dos aplicativos

Quanto a Usabilidade, isto é, as facilidades de uso e acesso ao conteúdo através da interface, os aplicativos estudados encontram-se em sua maioria entre bom e regular. Quanto a Interatividade, os aplicativos ficam centrados em seus próprios celeiros de conteúdos, os considerados regulares trazem conexões que funcionam relativamente bem dentro do que se propõe como disponibilização do texto escrito, sem nenhuma outra forma de conexão com conteúdos diversos. Os considerados bons trazem apresentações variadas do texto bíblico e algumas possibilidades ilustrativas a mais, que é próprio da linguagem hipermidiática, porém, nenhum destes explora de fato todas as possibilidades oferecidas pelo hipertexto e os possíveis elos com conteúdos fora de seus domínios. O aplicativo que foi considerado ótimo possui uma grande quantidade de conteúdos, diversificados, integrados, com uma excelente e intuitiva forma de navegação dentro dos princípios mais atuais, além de funcionar muito bem. Os conteúdos de outras plataformas ou mídias foram adaptados e produzidos para figurarem em seu banco de dados.

Quanto a Multimídia, todos os aplicativos oferecem o Texto, quatro deles a possibilidade de escutar o texto bíblico através de uma narrativa, no caso infantil a narrativa é acompanhada de sons e efeitos sonoros. No que se referem à Imagem, sete deles oferecem algum tipo de foto, mapa, ou desenho, os mais avançados oferecem fotos, obras de arte, mapas ilustrados com recursos semelhantes do *Google Maps* ou *Google Earth*. Apenas dois oferecem vídeos sobre os temas Bíblicos.

O que se encontra no momento desta pesquisa sobre a Bíblia na Hipermídia, quer seja o conteúdo por inteiro ou em partes, são em sua maioria modalidades que possuem características semelhantes a da apresentação dos textos bíblicos impressos. A distinção ocorre de acordo com a interface, a usabilidade e com a aplicação de ferramentas mais ou menos avançadas de pesquisa, modalidades que trazem menor ou maior conteúdo explicativo. Alguns aplicativos para dispositivos móveis requerem vários toques e passagens por várias telas, outros são mais rápidos e permitem retornos diversos o que facilita o encontro de informações importantes que ficaram pelo caminho. As modalidades que trazem usabilidade ótima ou boa são ágeis e possuem um conjunto de conexões que possibilita ampla navegação pelas informações.

No caso da Interface os aplicativos estudados trazem uma boa elaboração, a parte artística de alguns é bem desenvolvida, outras são bem simples e básicas, atendendo ao que se propõe isto é, colocar o texto da Bíblia em formato digital. O compartilhamento com redes sociais e *e-mails* foi adotado pela maioria. Os retornos “*back*” funcionam bem nos modelos tidos como bons ou ótimos, o funcionamento do retorno vai além do fio de Ariadne, podendo fazer o retorno diretamente ao ponto que se quer, sem precisar voltar passo a passo. Os aplicativos nem sempre oferecem outras formas de multimídia, se atendo em grande parte as conexões dentro do seu próprio conteúdo, portanto, não indo além do texto ou das mídias ali contidas.

Nesta análise foram encontrados aplicativos que se destacaram, por usarem os recursos da hipermídia: a Bíblia Glow, oferece a maior quantidade de recursos multimídia e atualização frequente que ficam disponibilizados para a exibição. Alguns dos aplicativos estudados oferecem planos variados de leitura (Bíblia +1, Cristonautas, Glow), que favorecem uma leitura variada e temática da Bíblia. A Bíblia Glow utilizou de grafismos e também criou passeios virtuais aos locais citados na Bíblia, como estão hoje, como se fossem documentários, com narrativas, entrevistas mescladas com dramaturgia que remonta o tempo antigo, permitindo ao usuário uma pesquisa mais aprofundada dos contextos, históricos, geográficos, sociais, culturais e atuais.

4. Quadro Comparativo

HIPERMÍDIA												
HIPERTEXTO									MULTIMÍDIA			
Aplicativos	USABILIDADE				INTERATIVIDADE				SOM	TEXTO	IMAGEM	VÍDEO
	Facilidade de uso e acesso interface				Diversidade de elos, conexões, associações, nós							
	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Voz música ruído	Texto escrito	Foto mapa desenho animação	Animado vivo gravado
A Bíblia Sagrada			X				X			X		
Bíblia Free			X				X			X		
Bíblia Sagrada Netfilter			X				X			X		
Bíblia +1			X				X			X		
Bíblia Infantil		X				X			X	X	X	
Católico Orante		X				X				X	X	
I Liturgia			X				X			X	X	
Cristo_nautas		X				X			X	X	X	
Quis Bíblia 3D		X				X			X	X	X	
Sementes do Espírito		X				X				X	X	
Bíblia Glow	X				X				X	X	X	X
Total por itens	1	5	5	0	1	5	5	0	4	11	7	1

5. Conclusão

É admissível afirmar que a evolução do livro foi de fundamental importância para a difusão da Bíblia, ao mesmo tempo em que, a difusão da Bíblia foi importante para a afirmação do livro (códice) como suporte ideal para escrita por mais de quinze séculos. Atualmente a tecnologia digital tem feito uma revolução na forma de difusão do pensamento e do conhecimento. Tem trazido solução para algumas situações, tais como a de espaço, armazenamento, tempo, compartilhamento de informações, entre outras. Mas é importante ressaltar que a digitalização não é a solução de tudo ou para tudo. No que concerne a este estudo, a disponibilização dos textos bíblicos por estes novos suportes, pode ajudar na popularização do acesso, o que não significa uma melhoria mais significativa do que a Bíblia no suporte impresso. Existem vantagens, porém, é errôneo pensar que todo novo suporte ou meio é melhor que seu antecessor, não é porque se trata de algo novo que o existente fica obsoleto ou perde sua funcionalidade, seu valor. As novas tecnologias cumprem certas funções de aproximação, popularização, acesso, interatividade, variedade de informações, armazenamento. A riqueza está no fato dos meios se complementarem de diversas formas usando as mais diversas formas de linguagens.

Ao final da análise percebemos que a maioria dos aplicativos encontrados ainda não exploram todas as possibilidades oferecidas pela linguagem hipermidiática no que se refere à interatividade. Mas favorecem a usabilidade através das interfaces que podem ser usadas nos dispositivos móveis. Quanto às possibilidades advindas da multimídia, vimos que em sua maioria os atuais inventos são uma transposição do texto escrito para o meio digital e que ainda tem muito a ser feito para que a Bíblia na hipermídia tenha um potencial que vá além do texto a ser lido.

Por fim, encontramos a Bíblia como um livro vivo, que não se perdeu no tempo, mas que se transforma o tempo todo. Como um organismo vivo, se adapta. A Bíblia visita as mídias e nesse encontro, apresenta novos potenciais de sensibilizar e despertar paixões.

REFERÊNCIAS

- ARENHOEVEL, Diego. **Assim se formou a Bíblia**: para você entender o Antigo Testamento. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1978.
- ARENS, Eduardo. **A Bíblia sem mitos**: uma introdução crítica. Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007.
- ARNS, D. Paulo Evaristo. **A Técnica do Livro Segundo São Jerônimo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- AYMARD, Maurice. Metamorfoses do Livro e da Leitura. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do Livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003. cap. 3.4, p. 173-189.
- BAUMAN, Zygmund, O Livro no Diálogo entre as Culturas. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do Livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003, p. 15-33.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O Livro, a Literatura e o Computador**. São Paulo-Florianópolis: Educ-UFSC, 2002.
- CARREZ, Maurice. **A Bíblia**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1995.
- CECHINATO, Pe. Luiz. **Conheça melhor a Bíblia**: noções gerais da Bíblia em linguagem popular. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UNB, 1999.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DEBRAY, Régis. **The Old Testament**: Through 100 Masterpieces of Art. London/New York: Merrel, 2004.
- DICIONÁRIO do Aurélio. Disponível em: < <http://www.dicionariodoaurelio.com/Tomo.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do Livro**. Tradução de Henrique Tavares de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FREITAS, Julio C. O design como interface de comunicação e uso em linguagens hipermediáticas. In: LEÃO, Lucia (Org.). **O Chip e o Caleidoscópio**: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Senac, 2005, p. 183-196.
- IDICIONÁRIO Aulete. Disponível em: < <http://aulete.uol.com.br/in-octavo>>. Acesso em: 02 mar. 2014.
- LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1999.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

THE BOOK of books. Disponível em: <http://www.goisrael.com/Tourism_Eng/Articles/Newsletter/Pages/The-Books-of-Books.aspx>. Acesso em: 06 fev. 2014.

10 LIVROS mais vendidos do mundo. Disponível em: <<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/2013/04/30/10-livros-mais-lidos-no-mundo/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.